

JOHN FOSTER DULLES

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Acabo de transmitir a um jornalista, por telefone, o que penso da personalidade e da obra de John Foster Dulles, e é com satisfação que aqui reproduzo minha modesta homenagem. Considero Foster Dulles uma das mais altas e nobres figuras de nosso tempo, e foi com pesar, com sentimento de tristeza íntima que recebi a notícia de sua morte.

Nem sempre, entretanto, tive essa opinião. Quando Eisenhower foi eleito em lugar de meu candidato, Stevenson, tive a penosa impressão de uma vitória da junta do coice e do conservantismo burguês. E envolvi no mesmo sumário e desapontado juízo a pessoa do Secretário de Estado. Hoje, depois dos fatos e dos feitos, concluo que foi bom, que foi excelente a vitória do presidente menos sagaz, menos avançado, por duvidar que Stevenson encontrasse homem capaz de fazer o que fez Foster Dulles. Agora, depois da luta tenaz contra as rabanadas do Leviatã soviético, nós vimos que o ancião Foster Dulles cumpriu o que parecia prometer o jovem Foster Dulles em 1907 em Haya, onde cruzou com nossa estrela de primeira grandeza em pleno apogeu. Mais tarde foi sucessor de Woodrow Wilson, na Comissão A-

mericana para Negociação do Tratado de Paz em 1919.

Em tempos diferentes, em atmosfera cultural profundamente modificada pela segunda guerra e pelo desmoronamento dos nacionalistas europeus, Foster Dulles continuou em nossos dias a obra quase utópica de Wilson, continuou o sonho de um mundo melhor firmado na lei natural, nos princípios supranacionais e no temor de Deus. Foi chamado de reacionário porque teve a inteligência de não confiar no maquiavelismo soviético, e foi chamado de carola porque nos momentos mais graves invocava publicamente o nome de Deus. Woodrow Wilson também pareceu ridículo aos maquiavélicos do mundo liberal em decomposição. Clemenceau com fina ironia francesa, dizia que Monsieur Wilson desembarcara na Europa falando como Jesus Cristo.

A Liga das Nações nasceu, malgré tout, dos equívocos e das ironias européias enfrentadas pela candura do Parsifal americano que teimava em acreditar na imperiosa necessidade de fazer o bem e evitar o mal. Não foi brilhante o desempenho da Liga das Nações, como também não tem sido notável o funcionamento do Instituto moderno supranacional que a substituiu. O mundo há de dar muitas voltas até descobrir arranjos menos estúpidos e menos cruéis. Muita coisa tem de acontecer. Muito sangue e muita tinta tem de correr. O filme da história há de repassar suas lições às vezes com proveito e outras vezes, mais numerosas, sem êle. Seja como for — esta é a minha convicção — o mundo esteve nestes últimos anos de parabéns, porque entre os seus habitantes aqui esteve, por aqui passou, alto, meio curvado, grave, conpenetrado fervoroso, esse homem que levou a sério o seu cargo, que lutou em tempo e contratempo, carregando o câncer e a velhice por todos os continentes, com o objetivo de defender meia dúzia de princípios, sem os quais êle achava que não valeria a pena viver. Eu também acho. Esta é a minha convicção e minha opinião sobre o homem que acaba de morrer.

Evidentemente ninguém contestará, aos moços da UNE, o direito de se julgarem muito mais perspicazes, muito mais avançados e bem informados do que eu, e de terem opinião diferente.